

Desigualdades sociais. Um estigma que trespassa a humanidade e que procuro expressar quão rigorosamente quanto sou capaz nos argumentos económicos que vão constituindo o artigo.

As alterações estão estruturadas, a sequência lógica do trabalho está garantida, mas recordações múltiplas, composição de imagens e murmúrios, alavancas, âncoras e arcas encoiradas surgem-me nebulosa e desorganizadamente crivando o discurso reconstruído com novas certezas e interrogações

Desigualdades, Revolução Francesa, crença num futuro que nunca surgiu de entre as teias das contradições sociais, memórias de livros há muito lidos. Sim, recordo-me de tê-lo feito quando despontava para essas inteligibilidades. A desconfiança perante as crenças, a convicção da capacidade transformadora do homem, fazia de Condorcet um escritor singular. Passadas três décadas sobre a sua leitura continuo a sentir o orgulho de ser homem, a vaidade de viver nas luzes, o encantamento de estar a despertar para a filosofia e a ciência.

Sol quente, papoilas rubras ensaguentando os campos amarelos e lilases, uma toalha estendida no chão repleta das iguarias possíveis em dia de espigas. Na consumação das práticas familiares de louvor à primavera e esperança de pão na mesa, euforicamente lia *Quadro do Progresso do Espírito Humano*. Lia, assimilava, escrevia, comentava.

Essas imagens embriagam-me o olfacto. Poderia terminar o artigo sem pensar mais nessas ideias do passado mas elas atizam a chama da cultura que transporto. Preciso de ir buscar esse livro.

Entre centenas de obras apinhadas em prateleiras duplas procuro tensamente o pequeno livro verde da Biblioteca Cosmos - como recordo a colecção e a simpatia do seu editor, homem bonacheirão transpirando mais amor ao texto

que anseios de lucro! Finalmente, na fila de trás da quinta prateleira encontro-o. Desfolho-o tacteando as folhas espessas de amarelo escuro, de corte incerto. Este texto é do Vitorino. Aqui começa Condorcet. Releio os sublinhados, recordo assuntos esquecidos, atento nas setas indicadoras de um parágrafo, Fico espantado de ter entendido aquele discurso. Finalmente. Aqui está. Página duzentos e nove com um forte risco curvilíneo de lápis preto na margem direita. Talvez esta frase sirva para o meu artigo: "As nossas esperanças quanto ao futuro da espécie humana podem reduzir-se a estes três pontos importantes: a destruição da desigualdade entre as nações, os progressos da igualdade num mesmo povo, enfim, o aperfeiçoamento real do homem". Pobre espírito humano que tanto se enganou, que já então acreditava na força espontânea dos mercados que o mundo burguês iria construir. Ensinar, transmitir aos homens os saberes, instruir, instruir, instruir é o caminho a que Condorcet frequentemente se amarra. "A igualdade de instrução que podemos esperar atingir, mas que deve ser suficiente, é a que exclui toda a dependência, forçada ou voluntária" acrescenta algumas páginas depois.

O manuseamento do livro, o peso das suas recordações, a pausa na redacção do artigo desencarcerou recordações e pesadelos. O artigo é de Economia mas talvez não fosse descabido considerar uma fala de Camus, uma recordação de Gorki, um devaneio de Sartre, um poema de Torga, um parágrafo de Lenine, uma citação da Bíblia, uma recordação de Rousseau, um diálogo de Platão, um raciocínio de Russell. Com jeito até na Mafaldinha encontrarei alguma coisa.

E assim fico, meio absorto, olhando os livros, apalpando encadernações, cheirando papel e pó, desfolhando páginas, lembrando quimeras, aclamando a sabedoria,

reconstruindo o passado entre tacteares, vislumbres, leituras e odores.

Não passei muito tempo olhando para a minha biblioteca mas chegou a altura de terminar o artigo. Batidas as últimas teclas, relidos os últimos visores, corrigida automaticamente a ortografia descuidada posso imprimir. A vista cansada, a necessidade de colocar as pernas sobre a mesa enquanto leio o último naco de prosa aconselha uma impressão em papel reciclado para sobre ela, a traço vermelho de desalinhada ortografia, introduzir as últimas modificações.

Finalmente o artigo está pronto. Já posso enviá-lo por correio electrónico e a partir de amanhã já pode ser consultado na Internet.

*Carlos Pimenta*